

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CAROLINA CAVALCANTE CORREIA

**O EDUCADOR/ALFABETIZADOR DE JOVENS E
ADULTOS: papel social e formação necessária**

**JOAO PESSOA- PB
2014**

ANA CAROLINA CAVALCANTE CORREIA

**O EDUCADOR/ALFABETIZADOR DE JOVENS E
ADULTOS: papel social e formação necessária**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso
de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador: Prof^ª. Ms^a. Laura Maria de Farias Brito

**JOAO PESSOA- PB
2014**

C824e Correia, Ana Carolina Cavalcante.

O educador/alfabetizador de jovens e adultos: papel social e formação necessária / Ana Carolina Cavalcante Correia. – João Pessoa: UFPB, 2014.
50f.

Orientador: Laura Maria de Farias Brito
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Escola.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7 (043.2)

ANA CAROLINA CAVALCANTE CORREIA

O EDUCADOR/ALFABETIZADOR DE JOVENS E ADULTOS: papel social e formação necessária

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof^a. Ms^a. Laura Maria de Farias Brito

Data da defesa/entrega: 28 / 03/ 2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Ms^a. Laura Maria de Farias Brito

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Suelidia Maria Calaça

Membro Titular: Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva

Dedico este trabalho de conclusão de curso, a minha avó Arlinda Virgínio da Silva (*in memoriam*) por todo seu amor incondicional que me foi dado, pelo exemplo de mulher guerreira que foi, por cuidar de sua família de modo tão especial, foi nos seus ensinamentos que todos os dias busquei as forças necessárias para conclusão deste trabalho.

Estará para sempre em minha memória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

Aos meus amados pais Edmilson e Vandernize, meus irmãos Camila e Júnior e meus três preciosos sobrinhos Gabriel, Caillan e Caio - Meus melhores e maiores presentes...

As minhas tias Vandernuza, Vanderlane e Doralice e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Laura Maria, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Às alfabetizadoras e coordenadoras do Programa Brasil Alfabetizado pelo convívio, pela troca de experiências e a oportunidade do aprendizado em conjunto.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Em especial aos professores da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos pelos constantes incentivos em nossa jornada que está apenas iniciando.

Aos amigos e colegas de curso, por dividirem as dificuldades e as vitórias de mais esta etapa da minha vida.

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa apresenta como objetivo principal, analisar o papel do professor ante a alfabetização de jovens e adultos na atualidade. A educação brasileira é inteiramente marcada por desigualdades que comprometem o seu exercício de forma eficaz. Entretanto, a Educação de Jovens e Adultos tem importância significativa para a sociedade e para o indivíduo que não conseguiu ser alfabetizado na idade certa independente do real motivo desse acontecimento. Nesse sentido, torna-se necessário que organizações de ensino tomem consciência da importância dessa modalidade passando a tratá-la com respeito e seriedade. Não podemos pensar no professor como mero detentor do conhecimento a ser transferido, mas, também como agente consciente do desafio que esta a enfrentar, proporcionando aos alunos desta modalidade, aulas dinâmicas nas quais discuta não apenas conteúdos escolares, mas relações interpessoais, atraindo-os ao espaço escolar fazendo com que eles se sintam protagonistas do processo educativo. Os alunos que frequentam a EJA, muitas vezes são tratados pela sociedade de uma forma diferenciada. Essa sociedade que cobra a erradicação do analfabetismo em nosso país, muitas vezes desvaloriza o jovem ou adulto que quer voltar a estudar, diferenciando-os dos outros estudantes que cursam outras modalidades de ensino. Tais alunos, frequentemente vistos como “fracasso escolar”, não são respeitados como deveriam, principalmente pelo seu tempo de vida e por suas condições econômicas e sociais. Isso acaba, sem dúvida alguma, desvalorizando o potencial individual de cada um. O Programa Brasil Alfabetizado surge então como tentativa de mudar essa situação.

Palavras-chaves: Educação. EJA. Desafio. Escola

ABSTRACT

This research paper presents the main , objective analyzes the role of teacher ante literacy for youth and adults today. Brazilian education is entirely marked by inequalities which compromises the exercise effectively. However , the Youth and Adult Education has significant importance for society and the individual . Therefore , it is necessary that educational organizations become aware going to address the Youth and Adult Education with serious commitment and respect , not only this modality , but also education as a whole. Believed to be the bearer of teacher knowledge about those realities which students need and also carry a human spirituality to work with and very dynamic interpersonal relationships and other courses that may attract students to feel safe and interested and motivated to remain in the classroom . This does not happen when it comes to analyzing the EJA . Students who attend adult education , are often treated differently by a society. That company that charges the eradication of illiteracy in our country often devalues the young or adults who want to go back to school , distinguishing them from other students who attend other learning modalities . Such students often viewed as " school failure " are not respected as they should , mainly for their lifetime and their economic and social conditions . This ends without any doubt , devaluing the individual potential of each.

Keywords: Education . EJA . Challenge. school

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil do Alfabetizadores do PBA/2013, em relação à faixa etária.....	
	33
Gráfico 2 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013, em relação ao Grau de Instrução.	
	33
Gráfico 3 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013 em relação à outras ocupações profissionais.....	
	34
Gráfico 4 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013 em relação a aproximação com a EJA	
	34

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	8
2	BUSCANDO UMA CARACTERIZAÇÃO DA EJA.....	11
3	OS SUJEITOS DA EJA: Alfabetizandos e Alfabetizadores.....	24
3.1	Sobre os Alfabetizandos.....	24
3.2	Sobre os Educadores/Alfabetizadores (papel e formação).....	26
4	UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA ALFABETIZADORA.....	29
4.1	Etapas Pedagógicas	36
4.1.1	Universo Vocabular	36
4.1.2	Palavra Geradora.....	36
4.1.3	Provocando a Conversa, o Debate, a Reflexão (a problematização da palavra).....	47
4.2	A Palavra que Gera Ideias	47
4.3	Desvendando o “Mistério de Ler e Escrever”.....	38
4.4	Como Planejar e Organizar o Trabalho de Alfabetização?.....	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS.....	44

1 APRESENTAÇÃO

A escolha por este tema se vincula ao nosso próprio processo de formação, na condição de aluna do Curso de Pedagogia do CE/UFPB. A questão da formação do educador foi repetidamente abordada em leituras e debates encaminhados por diversas disciplinas, ao longo do curso. Daí, a opção de focar a formação do educador de jovens e adultos ocorreu, naturalmente, a partir da vivência em campo de estágio e da nossa opção pela Área de Aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos. Portanto, a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso é motivada, não apenas por uma exigência acadêmica, mas pelo interesse que nos move em estudar e aprofundar a respeito do tema Formação do Educador, quanto ao seu papel social e à formação necessária, particularmente, em relação aos alfabetizadores de jovens e adultos.

A Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), ainda é assumida por muitas administrações municipais e estaduais, simplesmente como um ensino fundamental e médio normal, mudando apenas o turno das aulas. Os profissionais que atuam na formação de alunos de nível fundamental e médio, na maioria das vezes, são os mesmo que atuam com alunos da EJA. Tratando-se de um público com características específicas surge um primeiro questionamento: uma pedagogia pensada ou determinada para trabalhar com crianças, se aplicaria ao trabalho com jovens e adultos? Segundo ARROYO (2006), este é um dos problemas que a educação de jovens e adultos enfrenta hoje. Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. Assim sendo, também nos questionamos: o professor de EJA reconhece seu aluno jovem e/ou adulto como sujeitos sociais e, por isso, procura satisfazer seus interesses e necessidades de aprendizagem? Tratando-se de uma prática diferente da educação infantil, para o educador da EJA é necessário uma formação específica, diferenciada? .

Através deste estudo e pesquisa pretendemos encontrar respostas que possam fundamentar as práticas de EJA, principalmente, no que se refere às características de aprendizagem do educando jovem e adulto e ao papel e formação do educador.

A nossa **Hipótese** é no sentido de que, as especificidades que caracterizam os alunos da EJA,(no que se refere ao repertório de aprendizagens que já possuem, às

experiências de vida e aos interesses que lhes movem para buscarem a escola) exigem o encaminhamento de práticas que considerem todos estes aspectos. Portanto, exigem do educador/alfabetizador não apenas uma clareza em relação ao seu papel, mas, também, uma formação adequada, específica para o desempenho deste papel. E esta clareza parece ainda não existir e a formação inicial ou continuada dos educadores da EJA se revela como ainda insuficientes para dar um novo rumo a essas práticas.

A partir destas questões, definimos como **Objetivo Geral** identificar as especificidades que o trabalho do educador da Educação de Jovens e Adultos requer e como os professores podem trabalhar de forma a suprir as necessidades apresentadas pelo público atendido por esta modalidade de ensino: jovens e adultos. Quanto aos **objetivos específicos** foram assim colocados: a) reconhecer as características da **EJA** como modalidade de ensino; b) identificar o **papel** do educador que atua em salas de EJA c) pesquisar a respeito da **formação** necessária ao educador da EJA, tanto em relação à formação inicial quanto à formação continuada ou na linguagem de Freire, saberes necessários à prática educativa; d) Promover uma aproximação com práticas formais de EJA para observação e análise dos aspectos pedagógicos desenvolvidos; e) estudar e identificar as características de aprendizagem do público da EJA; f) pesquisar a respeito dos interesses e necessidades de aprendizagem revelados ou expressos por este público.

Inicialmente, escolhemos como campo de pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Tamandaré, situada no Bairro Castelo Branco, em João Pessoa/PB. A nossa aproximação com esta escola foi iniciada no período 2012.2, cursando o Estágio IV, onde observamos e demos apoio nas salas dos Ciclos I e II da EJA. Tendo em vista a elaboração deste Trabalho (TCC) optamos por focar nossa atenção, para estudo e pesquisa, na prática de alfabetização encaminhada pela professora do Ciclo I. No entanto, consideramos insuficiente, tanto para a nossa formação, como para produção de um trabalho acadêmico, restringirmos nosso campo de pesquisa a uma sala de aula, com todas as carências e dificuldades ali vivenciadas, principalmente no que se refere à própria prática alfabetizadora. Nos inquietava a evidente falta de formação específica do professor alfabetizador, nesta sala observada. Com esta preocupação, discutimos com a nossa orientadora, a possibilidade de dar uma nova dimensão a esta pesquisa e acolhemos com entusiasmo a idéia de nos aproximarmos de uma experiência de formação de alfabetizadores onde a mesma assumia a função de formadora. Trata-se de formação do Programa Brasil Alfabetizado

(PBA) Edição 2013, no Município de João Pessoa. A idéia que nos movia era conhecer uma experiência de formação em desenvolvimento, nos aproximarmos dos alfabetizadores em processo de formação, vivenciarmos junto essa prática e identificar as possibilidades de contribuir com a prática alfabetizadora da Escola Campo onde iniciamos a construção deste trabalho.

Neste processo de estudo e pesquisa tomamos como **referências teóricas**: GADOTTI, 2013 e FREIRE, 2011

Quanto aos procedimentos metodológicos podemos classificar a nossa pesquisa como exploratória, uma vez que se busca constatar o papel dos educadores/alfabetizadores da EJA e a sua formação (inicial e continuada) que lhes permita assumir de forma competente, consciente e adequada à sua prática docente e ao público a quem se destina.

A pesquisa de campo foi de caráter qualitativo descritivo e utilizamos como instrumentos a observação em salas de aula de alfabetização e questionários aplicados às professoras alfabetizadoras, bem como, a vivência de momentos da formação de alfabetizadores assumidos por professores da UFPB no PBA/ 2013.

2 BUSCANDO UMA CARACTERIZAÇÃO DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade considerada apropriada no Parecer 11/2000 da Câmara de Educação Básica, a EJA é considerada mais do que um direito, é a porta de entrada para “o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, que vai se impondo cada vez mais nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos” (BRASIL, 2000, p.10). A Educação de Jovens e Adultos deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolva o conhecimento e a integração na diversidade cultural, como afirma Gadotti (1979), uma educação para a compreensão mútua, contra a exclusão por motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação e, para isso, o educador deve conhecer bem o próprio meio do educando.

Esta é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que ultrapassam a questão educacional.

É importante destacar a concepção ampliada de educação de jovens e adultos no sentido de não se limitar apenas à escolarização, mas também reconhecer a educação como direito humano fundamental para a constituição de jovens e adultos autônomos, críticos e ativos frente à realidade em que vivem.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a EJA, essa modalidade deve desempenhar três funções: Reparadora, Equalizadora e Qualificatória. A **Função reparadora** não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimimento. Para tanto, é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos. A **Função equalizadora** relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas.

Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura. E por fim a **Função qualificadora** refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.

Considerando o nosso objeto de estudo, focaremos a nossa atenção para a questão do analfabetismo.

O analfabetismo é uma questão que envolve as dimensões política e pedagógica. A dimensão política refere-se à questão de definir quais são as prioridades de ordem social, de tomada de decisão e de ações concretas por parte dos governantes, não só aos governantes, mas também a nós, educadores em formação, devemos estar comprometidos com as mudanças e estas devem ser levadas a sério, pois sabemos que a educação representa uma das possibilidades de transformação da realidade e resolução dos problemas sociais brasileiros, sem dizer que é inconcebível no século XXI, uma pessoa ser excluída por não saber ler e escrever.

Em caráter mais amplo, o analfabetismo engloba as questões política, social e cultural e a alfabetização, além de política, é uma questão pedagógica. Neste sentido há muito que fazer pelas crianças, jovens e adultos que vão à escola e não aprendem a ler.

É necessário que haja uma reflexão para se repensar a educação e o papel da escola na superação do drama social em que vivemos. Trata-se de repensar uma Pedagogia voltada para a humanização do homem.

O analfabetismo se expressa de diferentes formas. e, portanto, não se refere apenas às pessoas que não sabem nem ler e escrever totalmente. Pode assumir outras características. O analfabetismo pode ser denominado absoluto ou total para se referir ao indivíduo que recebeu pouca ou nenhuma orientação para ler e escrever.

O analfabetismo funcional é outro tipo de analfabetismo bem comum. Este ocorre quando a pessoa, mesmo tendo [aprendido](#) a decodificar a escrita, geralmente

frases curtas, não desenvolvem a habilidade de interpretação de textos. Esse tipo normalmente é usado para ser um meio termo entre o analfabeto absoluto e o domínio pleno da leitura e escrita. No Brasil, o analfabetismo funcional atinge cerca de 73 % da população, ou seja, apenas 25% da população é alfabetizada plenamente, é o que revela a última edição do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) divulgado em 2013.

Na atualidade, surgiu o *analfabetismo tecnológico*, para se referir ao indivíduo que não possui informações necessárias para operar computadores, celulares, aparelhos eletrônicos e outras ferramentas tecnológicas

Há que se observar, ainda, no contexto atual, que num mundo globalizado com avanços tecnológicos e um mercado de trabalho cada vez mais exigente, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas analfabetas são bem mais sérias que as enfrentadas pelos homens dos séculos XIX ou início do século XX, quando a economia e o mercado de trabalho eram bem mais rudimentares, os meios de produção bem menos elaborados e, conseqüentemente, as exigências com relação à leitura e escrita por consequência bem menores.

O Brasil tem 13,9 milhões de analfabetos adultos, segundo levantamento feito entre 2005 e 2011 pela Unesco, no Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos.

O analfabetismo no País, que vinha em queda constante desde 1998, voltou a crescer no ano de 2012, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram identificadas 13,2 milhões de pessoas que não sabiam ler nem escrever, o equivalente a 8,7% da população total com 15 anos ou mais de idade. Em 2011, eram 12,9 milhões de analfabetos, o equivalente a 8,6% do total. Em 2004, a taxa de analfabetismo brasileira chegava a 11,5%. Os dados estão na Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad 2012). O levantamento consultou 147 mil domicílios em todo o Brasil.

Na região que abriga Estados como a Bahia e Pernambuco, a taxa de analfabetismo passou de 16,9% em 2011, para 17,4% no ano passado. O Nordeste concentra 54% do total de analfabetos do país. Antes, em 2004, 22,5% da população com 15 anos ou mais de idade não sabia ler e nem escrever.

No Centro-Oeste, a taxa de analfabetismo alcançou 6,7% em 2012, acima dos 6,3% observados no ano anterior. Em 2004, a mesma taxa chegava a 9,2%.

Na mesma pesquisa a menor taxa de analfabetismo foi constatada na região Sul, na qual 4,4% da população com 15 anos ou mais de idade não sabe ler e escrever. No Sudeste, a taxa de analfabetismo chega a 4,8%, e no Norte, é de 10%.

O analfabetismo é notado especialmente entre a população mais velha. Entre os que têm 60 anos ou mais, 24,4% não sabem ler ou escrever. Já na faixa etária dos 40 aos 59 anos, essa proporção é de 9,8% do total; dos 30 aos 39 anos, 5,1% são analfabetos; e entre as pessoas de 25 a 29 anos, 2,8% são analfabetas.

Os dados da Pnad 2012 mostram ainda que 11,9% da população com 25 anos ou mais de idade não têm qualquer instrução, ou têm menos de um ano de estudo. Um ano antes, tal proporção era de 15,1%. Com ensino fundamental incompleto ou equivalente, estavam 33,5% do total da população desta faixa etária. Isso indica um acréscimo em relação a 2011, quando 31,5% tinham nível de instrução semelhante.

A região Nordeste registrou taxa de analfabetismo de 17,4% entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade em 2012, 0,5 ponto percentual acima da taxa de 2011 (16,9%). O Nordeste concentra mais da metade (54%) do total de analfabetos de 15 anos ou mais de idade do Brasil, um contingente que somava 7,1 milhões de pessoas. Contudo a maior queda da taxa de analfabetismo foi verificada na região Nordeste, de 5,1 pontos percentuais (22,5%, em 2004, para 17,4%, em 2012).

Com relação ao estado da Paraíba os dados do Censo Demográfico de 2010, relativos às taxas de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais na Paraíba caíram de 29,7% em 2000 para 21,9% em 2010. Os dados apontam que 616,5 mil pessoas alegaram não saber ler ou escrever, sendo 49% desse contingente composto de idosos. Embora registre um declínio, essa taxa é a terceira pior do país, ficando atrás apenas de Alagoas (24,6%) e Piauí (23,4%) e bem acima da média nacional, que decresceu de 13,6% em 2000 para 9,6% em 2010.

A taxa nacional de analfabetismo para os adolescentes e jovens entre 15 e 24 anos atingia 5,3% em 2010. No total de jovens nessa faixa etária em todo o estado da Paraíba, 36,8 mil disseram não saber ler e escrever. São 2,7 mil jovens residentes em João Pessoa que

também alegaram não saber ler e escrever, o que representa 2,1% da população jovem.

A difusão da alfabetização no Brasil só veio se dar em meados do século XX. Até o fim do século XIX as oportunidades de estudos eram muito restritas, somente às elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, minoria da população tinha acesso a educação. Durante o império no ano de 1872 foi constatado que no Brasil 82,3 % da população com mais de cinco anos de idade era analfabeta, a mesma situação foi constatada com ano de 1890 após a Proclamação da República.(UNESCO, 2008)

Logo no início do Período Republicano, a alfabetização e a instrução primária do povo ocuparam lugar de destaque nos discursos de políticos e intelectuais, que qualificavam o analfabetismo como vergonha nacional. Porém, muito pouco foi realizado nesse período no sentido de lançar ações educativas que se estendessem a uma grande massa da população. Devido às escassas oportunidades de acesso à escolarização na infância ou na vida adulta, até 1950 mais da metade da população brasileira era analfabeta, fazendo com que fossem excluídos da vida política, pois na época o voto lhes era negado (UNESCO, 2008. Pag.25)

A partir de 1947 as primeiras políticas públicas nacionais destinadas à instrução dos jovens e adultos vão sendo implementadas, a medida em que o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação é estruturando e tem início a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Outras duas campanhas que também ocorreram no período, mas obtiveram pouco sucesso foram a Campanha Nacional de Educação Rural, em 1952, e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958.

Segundo UNESCO, 2008, no final dos anos 50 muitas críticas foram dirigidas às campanhas, com relação ao seu caráter superficial do aprendizado que se efetivava num curto período de tempo e a inadequação dos programas, modelos e materiais pedagógicos, que não consideravam as especificidades dos adultos e a diversidade regionais.

Já a década de 1960, foi composta de vários movimentos que visavam a educação e cultura popular. Entre esses destacam-se:

- MEB – Movimento de Educação de Base;
- MCP – Movimento de Cultura Popular;
- CPC – Centro Popular de Cultura e
- CEPLAR – Campanha de Educação Popular

O MEB surgiu como uma iniciativa da Igreja Católica. Em 1961, por meio do Decreto 50.370, de 21 de março foi estabelecida a criação do MEB. O decreto previa que o Governo Federal iria colaborar com a CNBB - Conferência Nacional de Bispos do Brasil no processo de alfabetização de adultos. Essa cooperação se daria por meio de convênios consolidados com o MEC, outros Ministérios e Órgãos Federais, que repassariam os recursos para a CNBB. A alfabetização de adultos seria realizada por meio do Movimento de Educação de Base utilizando a rede de emissoras católicas.

A área de atuação do MEB era constituída pelo estado de Minas Gerais, e pelas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, atuando principalmente no interior destas regiões, locais com um grande índice de subdesenvolvimento.

A desestruturação do MEB iniciou-se durante os primeiros meses de 1964. Nessa época alguns de seus livros foram confiscados por serem classificados de teor comunista. A partir daí o MEB passou a ser pressionado não só pela igreja, mas também pelos poderes sociais e conservadores do regime militar.

Em 1966 o programa encerrou-se em alguns Estados devido à pressão feita pelo governo militar. Mas alguns anos depois por volta de 1970 o MEB, que havia diminuído sua área de atuação, voltou ao processo de alfabetização dando prioridade para as regiões Norte e Nordeste do país.

O MCP – Movimento de Cultura Popular teve origem em maio de 1960. Era um movimento ligado a Prefeitura de Recife. Tinha o apoio do Governo de Miguel Arraes e de Paulo Freire, que era o Diretor da Divisão de Pesquisa e Coordenador do Projeto de Educação de Adultos do MCP. Utilizava os centros de cultura e os círculos de cultura para alfabetizar, por meio de grupos de debate.

O MCP tinha como objetivo alfabetizar utilizando novos métodos de aprendizagem, mas faltavam recursos financeiros para que esse movimento ingressasse em outros Estados. Sua atuação se restringiu à cidade do Recife e ao Estado do Rio

Grande do Norte. Teve sua extinção em 1964, por causa do Golpe Militar. Os militares por considerarem o programa uma ameaça aos seus objetivos acabaram com o movimento, prendendo e exilando alguns de seus integrantes.

Em 1961 surge o CPC – Centro de Cultura Popular, fundado pela UNE – União Nacional dos Estudantes, artistas e intelectuais da época. Os principais agentes de sua criação foram a UNE e três atores do Teatro de Arena - Oduvaldo Vianna Filho, Carlos Estevan Martins e Leon Hirszman. Tinha como objetivo levar a cultura às classes mais desfavorecidas da sociedade. Utilizavam peças teatrais para que o povo adquirisse cultura. Por volta de 1963, foi criado o Departamento de Alfabetização de Adultos, onde seriam utilizados materiais como livros de literatura no ensino. O CPC acabou em 1964. Quando em decorrência do Golpe Militar as instalações da UNE foram incendiadas para evitar o contato com as classes populares.

A CEPLAR – Campanha de Educação Popular teve origem na Paraíba em 1961. Foi criada pelo Governo Estadual. Tinha como método pioneiro à utilização em larga escala do método Paulo Freire. Utilizava como tema central a realidade brasileira, principalmente, a nordestina e paraibana. Utilizavam teatros populares e círculos de cultura que eram pensados como escolas de conscientização. Tinha como objetivo o processo de conscientização da realidade. À supervisão cabia um gerenciamento das mensagens a serem difundidas e debatidas nos grupos. Sua extinção também ocorreu com a instauração do Golpe Militar. Porém mesmo antes desse fato a CEPLAR já era agredida por um grupo, o embrião da Cruzada ABC, já trabalhava contra o método político-pedagógico da CEPLAR por considerar o método subversivo e comunista.

Durante a ditadura militar, a educação de jovens e adultos, promovida pelo governo, colaborou na manutenção da coesão social e na legitimação do regime autoritário, nutrindo o mito de uma sociedade democrática em um regime de exceção. A escolarização de jovens e adultos ganhou a feição de Ensino Supletivo, instituído pela reforma do ensino de 1971, mesmo ano em que teve início a campanha denominada Movimento Brasileiro de Alfabetização, que ficou conhecida pela sigla Mobral.

O MOBREAL foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Os militares tinham todo o controle do que seria ensinado. Suas ações de alfabetização começaram a ter ênfase no fim de 1970, quando seus projetos foram iniciados em grande escala. Seu objetivo era erradicar o analfabetismo no Brasil num curto espaço de tempo. Tinha forte influência do Método Paulo Freire, pois utilizava “palavra geradora”,

que consistia em palavras pesquisadas com os alunos, para educar. Mas havia uma diferença marcante, pois o Método Paulo Freire utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos e no MOBREAL, segundo Corrêa (1979), as palavras eram definidas por tecnocratas que as escolhiam a partir de estudo das necessidades humanas básicas. A diferença assumia maior dimensão, pela ausência do conteúdo crítico, problematizador, através do diálogo e da participação de todos - professores e alunos: ou na linguagem de FREIRE, educandos e educadores.

A Fundação EDUCAR surgiu em 1985, como substituta do MOBREAL. O estatuto, porém só foi estabelecido pelo Decreto nº 92.374, de 6 de fevereiro de 1986, onde todos os bens do MOBREAL foram transferidos para a EDUCAR.

As verbas para a execução dos programas iam para as Prefeituras Municipais através da Coordenadoria de Estudos - COEST que recebia os recursos da EDUCAR. O objetivo da EDUCAR era a promoção e a execução de programas de alfabetização e de educação básica não-formais, destinados as pessoas que não tiveram acesso a escola ou que abandonaram os estudos. A Fundação EDUCAR foi extinta em 1990, durante o Governo COLLOR, surgindo a (PNAC) Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania que só durou um ano.

As políticas educacionais dos anos 90 não corresponderam às expectativas geradas pela nova Constituição. As políticas públicas da década de 1990 priorizaram a universalização do acesso das crianças e adolescentes ao Ensino Fundamental. Outros níveis e modalidades de ensino, entre os quais a educação de jovens e adultos, foram relegados a um plano secundário na agenda das políticas educativas.

Nesse processo, a Fundação Educar foi extinta em 1990 e a atribuição da alfabetização dos jovens e adultos foi descentralizada para os municípios ou surgiram por iniciativa de organizações sociais, que freqüentemente atuaram em parceria. Assim ocorreu com o Programa de Alfabetização Solidária (iniciativa do Governo Federal) ou Movimentos de Alfabetização - MOVA (iniciativa do Instituto Paulo Freire).

O Programa Alfabetização Solidária – PAS, surgiu em janeiro de 1997 como uma meta governamental do presidente Fernando Henrique Cardoso. Tinha como proposta inicial atuar na alfabetização de jovens e adultos nas regiões Norte e Nordeste do país, mas conseguiu abranger as regiões Centro-Oeste e Sudeste, e outros países da África de língua portuguesa. A inserção das pessoas não alfabetizadas na Educação de Jovens e Adultos e a continuidade dos estudos são alguns dos principais objetivos do PAS. O PAS inovou com o as parcerias formadas entre os poderes públicos federal e

municipal, Instituições de Ensino Superior - IES, pessoas físicas, empresas, instituições, organizações e o Ministério da Educação – MEC.

Durante o segundo semestre de 2002 o PAS passou a se chamar ALFASOL e se transformou em uma Organização Não Governamental – ONG.e passou a ser conhecido com a sigla ALFASOL. O AlfaSol continua atuando na alfabetização de jovens e adultos.

Em Janeiro de 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O programa tem como proposta a erradicação do analfabetismo no Brasil. A Secretaria Extraordinária Nacional de Erradicação do Analfabetismo – SEEA é a encarregada de organizar e coordenar o programa. O objetivo do programa não é só a alfabetização mas também a inclusão social de pessoas analfabetas. O programa conta com a participação do governo, empresas, IES, ONGs, associações e outras organizações de sociedade civil.

Os desafios da Alfabetização e Educação Básica dos jovens e adultos no Brasil ainda são imensos. Nosso país continua a ser o país latino-americano que possui o maior contingente de analfabetos da região, apresentando taxas de analfabetismo bem mais elevadas que países com perfil educacional ou nível de desenvolvimento econômico similares.

Na história recente, em que a prioridade da política educacional foi universalizar o acesso à escola na infância e adolescência, a escassez de recursos financeiros representou um claro limite para que os poderes públicos cumprissem seus compromissos na garantia do direito dos jovens e adultos à educação.

Segundo (UNESCO, 2008) além de uma necessidade básica, a promoção da alfabetização é também um dever do Estado, representando apenas a primeira etapa da educação a que todos constitucionalmente têm direito – o Ensino Fundamental.

O desafio de erradicar o analfabetismo é imenso em um país com tamanha desigualdade social. Muitas pessoas não têm a possibilidade de adquirir a escolarização por não terem as condições sociais para freqüentar a escola ou mesmo de se apropriar de seus conteúdos.

Outro grande desafio para a Educação de Jovens e Adultos é que as especificidades do seu público nem sempre são levadas em conta no interior das práticas pedagógicas, quando, na verdade, o *ponto de partida* para o trabalho da EJA é criar situações para que o professor conheça a realidade do seu aluno, sua experiência de vida, seus conhecimentos dentro e fora da escola e de acordo com essa realidade pensar,

organizar e encaminhar a sua prática, em direção à construção da liberdade, ou seja, a autonomia como fala Freire (2002, p. 121): “autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser, não ocorre em data marcada, é neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrado em experiências respeitadas da liberdade”.

Este desafio se vincula à formação do alfabetizador de jovens e adultos. Embora ainda sem muita repercussão nas práticas este desafio tem sido enfrentado seja pela ação direta em processos de formação inicial, nos cursos universitários e habilitações para a docência, e de formação continuada em serviço, seja pela produção de subsídios pedagógicos e materiais didáticos para o alfabetizador.

O que tem sido constatado é que tanto nas redes públicas de ensino, e especialmente nas escolas do campo, como nos programas organizados por movimentos, organizações sociais e igrejas, atua na alfabetização de jovens e adultos um número expressivo de educadores não habilitados com distintos níveis de escolaridade. Essa não é só uma questão pedagógica, mas uma exigência jurídica prevista da Lei nº 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

Em síntese, a falta de habilitação para a docência é uma das principais características desses agentes educativos, fato que afeta a qualidade e resultados dos programas de alfabetização e educação de jovens e adultos.

As Conferências Internacionais de Educação de Adultos (Confinteas), que a UNESCO convoca a cada 12 anos, é o maior evento internacional na modalidade EJA e busca o reconhecimento da educação e aprendizagem de adultos como elemento importante e fator contribuinte à educação ao longo da vida, cujo alicerce é a alfabetização.

São eventos intergovernamentais, que têm como principal objetivo fornecer plataformas para o diálogo e defender políticas sobre aprendizagem e educação de adultos dentro e entre países, em âmbito global.

As Conferências Internacionais de Educação de Adultos são, em termos formais da UNESCO, conferências intergovernamentais (categoria II), às quais todos os Estados-membros da Organização são convidados a enviar delegações. As CONFINTEAs (do francês Conférence Internationale de Éducation des Adultes, daí a

sigla CONF-INT-EA) representam a culminância de processos cíclicos ocorridos a cada dez ou doze anos nas últimas seis décadas, e que, em grande parte, seguiram um padrão semelhante. Isso incluiu um processo preparatório envolvendo a elaboração de relatórios nacionais sobre a situação da educação de adultos em cada país membro, a consolidação desses relatórios nacionais em um documento sobre a situação mundial, a preparação de outros documentos de apoio, a organização de reuniões preparatórias e seminários em diferentes níveis geopolíticos (nacional e regional) e instâncias organizacionais (governo e sociedade civil) que visam mobilizar e dar maior visibilidade ao campo da educação de adultos, a realização de uma grande conferência internacional em que algum tipo de declaração ou agenda internacional é acordado (particularmente no caso da quinta e sexta conferência) e, em seguida, são propostos mecanismos de acompanhamento vagamente definidos, por meio dos quais se espera monitorar a implementação dos compromissos e responsabilidades assumidas pelos governos durante a conferência. Assim, teoricamente, as conferências gerariam um processo cumulativo em que uma conferência alimenta a seguinte, criando novos entendimentos da prática da educação de adultos, em evolução em todo o mundo, e apontando questões que exigem maior aprofundamento e atenção por parte das políticas públicas.

Até o momento foram realizadas seis CONFINTEA's. A primeira Conferência foi realizada na Dinamarca e teve como pontos de discussão: as especificidades da Educação de Adultos; proporcionar uma educação aberta e voltada para as condições de vidas reais da [população](#); e que a educação de adultos deveria ser desenvolvida através do espírito de tolerância.

Na II Conferência, essa que aconteceu em 1960 em Montreal no Canadá, houve um debate sobre a necessidade de países mais [desenvolvidos](#) ajudarem aos em desenvolvimento melhorar a sua aprendizagem. Na III CONFINTEA houve a constatação de que é preciso adotar um conceito mais amplo de educação. Com isso, surgiu as categorias de ensino escolar e extra-escolar, essas que deveriam garantir a educação integral dos indivíduos de todas as idades. É através dessa educação que haverá o desenvolvimento educacional, econômico e cultural dos países.

No ano de 1985, na França, ocorreu a IV CONFINTEA. O ponto mais importante desse encontro foi o [direito](#) de ler o próprio mundo e escrever a história, além ter acesso aos recursos educacionais, desenvolvendo as [capacidades](#) individuais e coletivas. Ressaltou ainda, o cumprimento de todos terem direito a uma educação de qualidade.

A V Conferência foi realizada em Hamburgo em 1997. Ela foi diferente das outras, pois obteve uma participação significativa de diferentes parceiros, inclusive da sociedade civil. De acordo com os idealizadores da Declaração de Hamburgo, a Educação de Adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, cujas pessoas desenvolvem suas habilidades e seu conhecimento. É na V CONFINTEA que os participantes reafirmam que apenas o desenvolvimento centrado no ser humano e a existência de uma sociedade participativa, baseada no respeito integral aos direitos humanos, levarão a um desenvolvimento justo e sustentável. A efetiva participação de homens e mulheres em cada esfera da vida é requisito fundamental para a humanidade sobreviver e enfrentar os desafios do futuro.

Em 2009, foi realizado no Brasil, no estado de Belém, a VI Conferência, cujo objetivo era reavaliar os principais pontos da V conferência e ressaltar a necessidade de criação de instrumentos de advocacia para Educação de Adultos e reafirmar que os compromissos que não foram plenamente assumidos, desde a última Conferência.

Paulo Freire defendia uma pedagogia democrática que partia das ansiedades, dos desejos, dos sonhos, das carências das classes populares. A pedagogia de Paulo Freire inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular, empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos, entre elas a campanha de erradicação do analfabetismo em 1957, e em 1958 no segundo congresso de educação de adultos, surgiu o questionamento das campanhas de alfabetização até então desenvolvidas que, no entendimento dos participantes do congresso se limitavam apenas ao ensino de assinar o nome. Porém era necessário para eles uma reflexão sobre o aspecto de sua participação política nos acontecimentos nacionais. Com a pedagogia de Paulo Freire, nasce, nesse clima de mudança no início dos anos sessenta, a Educação Popular, que se articulava à ação política junto aos grupos populares: intelectuais, estudantes, pessoas ligadas à igreja Católica e a CNBB. Em 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que deveria atingir todo o país, orientado pela proposta pedagógica de Paulo Freire, mas, foi suprimida pelo golpe militar de 64.

Em seu livro Pedagogia do oprimido o autor discute “a concepção ‘bancária’ da educação como instrumento de opressão. Seus pressupostos. Suas críticas”. Ele traz a discussão de que é o educador quem faz o seu aluno um mero depositário, ao considerar

o aluno como incapaz de produzir conhecimento, e desconsiderar-se como um ser em formação contínua.

Para Paulo Freire, 1983, ensinar a pensar e problematizar sobre a sua realidade é a forma correta de se reproduzir conhecimento, pois é a partir daí que o educando terá a capacidade de compreender-se como um ser social. Uma vez conhecendo sua situação na sociedade, o educando jamais se curvará para a condição de oprimido, pois seu lema será a igualdade e por ela buscará. A educação bancária, é transformar a consciência do aluno em um pensar mecânico. Já a educação problematizadora gera consciência de si, diz respeito à idéia de que os educandos não se limitem a repetir mecanicamente o conhecimento transmitido pelos educadores.

Na superação da dicotomia educado X educando, surge a educação problematizadora, onde se tem a realidade de uma educação, a valorização do diálogo, a reflexão e a criatividade, conforme Freire (1983, p.80) diz:

Enquanto a prática bancária, com ênfase em espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora de caráter autenticamente reflexivo, implica em constante ato de desvelamento da realidade.

Assim a prática problematizadora, desenvolve aos educando o poder de captação e de compreender o mundo que lhes pertence, não mais com uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação em processo.

Enquanto a concepção “bancária” dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora reforça a mudança (FREIRE, 1983,P.84)

A proposta de alfabetização segundo Freire, deve partir sempre do vocabulário do grupo a ser alfabetizado, e deve estar interligada à tomada de consciência da sua situação real de vida. O ponto de partida da alfabetização é a bagagem cultural do alfabetizando, conhecida através de uma relação dialógica, sempre refutando as fórmulas prontas ou pré-determinadas. O educador precisa aprender primeiro o mundo do educando, enquanto que o educando deve partir da tomada de consciência da sua condição social de analfabeto, oprimido, pobre e deve aprender a falar sobre seus problemas, suas misérias, seus sonhos.

3 OS SUJEITOS DA EJA: Alfabetizandos e Alfabetizadores

3.1 Sobre os Alfabetizandos

Os alunos e alunas da EJA constituem uma parcela da sociedade que só muito recentemente vieram a ser consideradas como públicos da instituição escolar, Segundo Arroyo, 2006, São jovens e adultos que têm uma trajetória muito específica, que vivenciam situações de opressão, exclusão, marginalização, condenados à sobrevivência, que buscam horizontes de liberdade e emancipação no trabalho e na educação.

Os alunos presentes nas salas de EJA são pessoas que por algum motivo, não puderam concluir seus estudos na idade apropriada, e algumas nem sequer chegaram a frequentar algum dia as salas de aula. Porém são pessoas que chegam á escola com crenças e valores já constituídos. Além de uma visão de mundo já formulada a partir das experiências acumuladas na vida, na convivência com os outros, no mundo do trabalho.

Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar ou a voltar à escola. Entre estes motivos, podemos destacar: exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho, como também, satisfação pessoal, e dignidade que traz auto estima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão.

Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvidas, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentir sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente.

Antes de tudo, ir á escola para um jovem ou adulto é um desafio, um projeto vida. Aberto á aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa.

Os conhecimentos de uma pessoa, que procura tardiamente a escola, são inúmeros e adquiridos ao longo de sua história de vida. Os adultos possuem mais experiência que os adolescentes e podem ter acumulado uma maior quantidade de

conhecimentos. Talvez sejam menos rápidos, mas podem oferecer uma visão mais ampla, julgar melhor os prós e os contras de uma situação e ter boa dose de criatividade.

Há duas espécies de conhecimentos originados das experiências de vida dos alunos e alunas as EJA: O saber sensível e O saber cotidiano.(SECADI, 2006)

O saber sensível diz respeito aquele saber do corpo, originado da relação primeira com o mundo e fundado na percepção das coisas e do outro, é um saber sustentado pelos cinco sentidos, um saber que nós todos possuímos, mas que valorizamos pouco na vida moderna, é um saber pouco estimulado nas salas de aula, pois, muitos professores atribuem a sua exploração as aulas de artes .

Contudo todo processo educativo, tanto com crianças quanto com jovens e adultos, deve ter suas bases nesse saber sensível, porque somente através dele que o aluno se abre para um conhecimento mais formal e mais reflexivo.

A segunda espécie de saber dos alunos jovens e adultos é o saber cotidiano. Ele se configura com um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nasce de valores, princípios éticos, e morais formados em processos anteriores ao da escola.

Esse saber fundado no cotidiano,é uma espécie de saber das ruas, frequentemente baseado no “senso comum” e diferente do elaborado conhecimento formal com que a escola lida, é um conhecimento elaborado, mas não sistematizado. È um saber pouco valorizado pelo mundo letrado, escolar e até mesmo pelo aluno. Considerados equivocados e pouco significativos, os conhecimentos que estes alunos trazem, deixam de ser considerados como base para os novos conhecimentos que buscam aprender (MEC,2006)

A escola, na visão tradicional, perde uma excelente oportunidade de ser um espaço onde todos, democraticamente, exercitem o seu direito de atuar como sujeitos. Sujeitos, diante dos conhecimentos, das outras pessoas e da natureza. Na escola, o saber medir da costureira desaparece, a forma de calcular dos pedreiros é considerada imprecisa, o jeito de falar do povo é visto como cheio de erros gramaticais

Não há idade para aprender. No entanto, um fator deve ser levado em conta: as pessoas que estão há muito tempo sem contato com os conteúdos do currículo escolar tanto de ensino fundamental, quando de ensino médio), ou que não possuem a cultura de lerem materiais diversificados sobre diferentes assuntos (ou não lêem nada), estão propícios a terem um raciocínio e aprendizado mais lento.

O convívio entre as diferentes faixas-etárias pode ser muito enriquecedor. Contudo, é preciso atentar-se ao fato das “necessidades” do aluno jovem; seu ritmo de aprendizagem, sua “impaciência” em ficar parado, etc. O ideal é propor atividades que estimulem parcerias com os mais velhos, e não competição organizando atividades que propiciem formar vínculos positivos, como respeito à forma de pensar, agir e sentir do outro.

Nos processos de ensino e aprendizagem, necessita-se perceber que o aluno leva para a escola características de suas condições materiais, sociais e psicológicas, e que possuem muitos pré-conceitos e opiniões já formadas. Fica a encargo dos professores fazê-los reconstruir e/ou compartilhar tais conhecimentos, sem esquecer que isso deve ocorrer simultaneamente à aquisição de conteúdos do currículo escolar.

3.2 Sobre os Educadores/Alfabetizadores (papel e formação)

A atual sociedade a qual participamos vive um momento de crise em que valores e comportamentos são transformados a cada dia, nesse mundo de transformações o papel social que o educador representa para seus alunos também sobre mudanças.

Para FREIRE, 2011, o verdadeiro educador atua visando uma educação problematizadora ou conscientizadora, visando ajudar a superar a relação opressor-oprimido. Nesse sentido os professores de EJA podem utilizar o ensino como instrumento de luta e transformação social, levando os alunos a uma consciência crítica que supere o senso comum para que possam não somente ver os acontecimentos, mas enxergá-los de maneira mais crítica e reflexiva.

Sendo assim, o educador assume um papel, sobretudo político e social. Educadores e educadoras precisam encorajar-se social e politicamente, percebendo as possibilidades de ação na luta pelas transformações sociais. Para isso, é necessário que conheçam a sociedade em que vivem e atuam em nível social, econômico e cultural de seus alunos e alunas.

Esse papel está intimamente ligado à transmissão de certos conhecimentos que são predefinidos e que constituem o próprio sentido da existência escolar. Assim, o educador exerce um papel de “mediador e incentivador” entre cada aluno e os modelos culturais. Daí porque além de sentir-se motivado para ensinar, o educador é, antes de tudo, um incentivador na construção do saber.

No desempenho da sua prática, o educador carrega um grande número de responsabilidades diante de uma educação que se encaminhe numa perspectiva muito mais libertadora e crítica, do que de conteúdo e disciplinadora. Um ensino que coloca os alunos diante de educadores mal preparados leva os alunos a um ensino que não os levam a pensar por si mesmo. Ou seja, os educadores devem desenvolver nos estudantes o pensamento crítico e a capacidade de reagir diante das contradições da sociedade em que vivem.

Daí a necessidade que se impõe ao educador de organizar novas maneiras de ensinar e de aprender, fazendo com que o conhecimento não chegue ao aluno como algo já pronto, mas sim ensinar-lhes a construir seu próprio conhecimento. O educador deve ensinar ao aluno a construir seu próprio ponto de vista, o que não significa ensinar soluções, nem significa dar explicações sobre como e por que se chegou a uma determinada conclusão. Ensinar a construir o próprio ponto de vista, colaborando para que o aluno construa conceitos e aplique-os em seu cotidiano, dar-lhes condições para que possam perceber-se o máximo possível como cidadãos detentores de direitos e deveres membros de uma sociedade. É papel social do educador proporcionar aos alunos instrumentos de libertação. Estamos, portanto, tratando da **FORMAÇÃO DO EDUCADOR**.

Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso e permanência dos alunos às turmas de EJA. Por isso, exige do educador habilidades e atitudes que possam assegurar um melhor desempenho ao lidar com jovens e adultos em processo de aprendizagem. Por este motivo, mais do que pertinente, é uma necessidade para o educador da EJA ter conhecimento das especificidades que caracterizam esse público.

Discute-se que a qualidade do ensino está diretamente ligada à preparação do educador, que terá de se capacitar para estar atuando junto às turmas de educação de jovens e adultos, tal capacitação deve ser reconhecida e valorizada. A Resolução 01/2000 do Conselho Nacional de Educação, de 5 de julho de 2000, estabelece as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e enfatiza "uma necessidade de formação específica para a atuação na área". Reconhecendo aí a necessidade do preparo para o profissional que irá atuar nas salas de EJA

Para que o educador de jovens e adultos possa contribuir de fato com uma aprendizagem significativa para o educando, deve estar preparado para atender esses alunos em todas as suas especificidades, ele deve conhecer cada um deles, e partindo daí relacionar o conteúdo a ser ministrado com o cotidiano e a realidade social de cada um considerando suas aspirações por melhores condições de vida, de trabalho e de satisfação pessoal. O educador deve estar embasado teoricamente para apontar métodos que despertem no jovem e no adulto a conscientização, a criatividade e o interesse em querer saber sempre mais. Para isso, é necessário que o material didático utilizado pelo educador seja construído a partir de debates entre ele e os alunos com o objetivo de fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos, até mesmo do vocabulário que faz parte do universo de comunicação destes alunos (FREIRE, 1998).

A formação do educador é da mais alta importância para melhorar o desempenho dos alunos no processo de ensino--aprendizagem. Apesar das profundas transformações que estão ocorrendo nas políticas e nas práticas educacionais, o educador com certeza sempre será uma peça importante no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da sociedade. Portanto, ele deve ser bem formado e estar em constante aperfeiçoamento.

Ser professor da EJA requer especificidades para trabalhar com seu público alvo, que já traz para a sala de aula uma leitura articulada do mundo (Freire, 1996): estes alunos possuem estratégias de sobrevivência na sociedade gráfica e letrada que devem ser consideradas durante as aulas.

Para sua atuação em sala de aula o educador de jovens e adultos necessitará não somente de formação em sua área de atuação, o trabalho do educador abrange também campos diversos do conhecimento.

A formação adequada a esta modalidade de ensino e os métodos utilizados na educação de jovens e adultos influenciam muito na permanência ou não do aluno em sala de aula. Abordar temas pertinentes à realidade do aluno, fazer conexões entre as disciplinas e suas relações culturais, econômicas e sociais, é primordial para motivação a atenção do aluno, pois torna o aprendizado mais atraente, despertando o seu interesse,

e fazendo com que descubra na vivência desse processo educativo um verdadeiro significado, um poder transformador da sociedade e de sua própria vida.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA ALFABETIZADORA

Constituiu o nosso objeto de estudo, especificamente, o perfil do educador-alfabetizador; os motivos da sua inserção no programa, bem como a concepção desses alfabetizadores quanto aos saberes necessários à docência envolvendo pessoas jovens adultas e idosas.

Inicialmente a escola campo escolhida foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Tamandaré localizada do bairro do Castelo Branco. A Escola é um estabelecimento de ensino pertencente a rede estadual, localizada à Rua Matos Cardoso, s/n no bairro Castelo Branco em João Pessoa - Paraíba, criada através do Decreto nº 5.047 de 16 de julho de 1970.

A origem do nome Almirante Tamandaré se deu em homenagem ao Almirante da Marinha Brasileira, Joaquim Marques Lisboa, o qual tinha o nome de Marquês de Tamandaré. Este militar brasileiro e Patrono da Marinha de Guerra, nasceu no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro de 1.807; faleceu no Rio de Janeiro, no dia 29 de março de 1.897, após uma longa lista de serviços voltados ao desenvolvimento de nossa Pátria.

A escola compreende uma área de aproximadamente 2.500 m², sendo que 1.200 m², são de área construída.

No ano de 2.008 participou da implantação do Programa Escola de Tempo Integral (Art. 34 da LDB) atendendo aos alunos do 6º ao 9º ano durante o dia e no turno noturno, Educação de Jovens e Adultos - EJA - 1º segmento; No ano de 2014 a escola aumentou as turmas de EJA e atualmente oferece até o 9º ano da modalidade.

A escola foi escolhida por ser próxima residência da graduanda, facilitando assim as visitas e observações, também pelo fato de já ter realizado na mesma escola alguns outros estágios obrigatórios na graduação.

No período em que realizei as observações na escola a mesma possuía duas turmas de EJA, uma turma do primeiro ciclo e uma do 2º ciclo.

A professora do primeiro ciclo me informou que a realizava um trabalho de alfabetização na turma, já que a maioria dos alunos mal conhecia as letras.

Na turma constavam 26 alunos matriculados, porém apenas 7 frequentavam, isso quando vinham todos, a média da turma era de 3 alunos frequentes. A turma era formada em sua maioria era de adultos tendo apenas uma idosa na turma, dos 7 (sete) que frequentavam, haviam 2 (duas) donas de casa, 1 (um) padeiro, 1(um) pedreiro, 2 (duas) domésticas e mais um aluno que não consegui saber a sua profissão. Todos eram moradores do bairro onde a escola é localizada e moram nas áreas mais carentes do bairro. A professora da turma já atua há 25 em turmas noturnas, porém a mesma nunca fez nenhum curso, ou formação específica para a área de EJA.

Apesar da pouca frequência dos alunos todos os dias as aulas ocorriam normalmente, mesmo que na turma só estivesse presente apenas um único aluno.

Após alguma visitas á escola, conversando com a orientadora do trabalho chegamos a conclusão que para a realização deste trabalho o campo de pesquisa encontrado nesta escola era pequeno, visto que além de possuir apenas 1 uma turma a frequência dos alunos era muito baixa, inviabilizando assim uma observação mais aprofundada.

Foi aí que surgiu a oportunidade de frequentar a formação continuada dos alfabetizadores e coordenadores do Programa Brasil Alfabetizado- PBA do município de João Pessoa, onde a orientadora deste trabalho atuava como formadora de uma das turmas.

O programa **Brasil Alfabetizado** é uma iniciativa do Governo Federal do Brasil com objetivo de alfabetizar jovens a partir dos quinze anos, de maneira

descentralizada e utilizando voluntariado por todo o país, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizando. Podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal. As turmas de alfabetização são divididas entre Rurais e Urbanas, tendo número mínimo de alunos em dez e vinte, respectivamente. O máximo permitido são vinte e cinco alunos. No caso de alunos especiais, cada turma pode comportar até três alunos.

O PBA é parte integrante da política de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo considerado a porta de entrada para o ensino fundamental de jovens, adultos e idosos. É desenvolvido em todo o território nacional, por meio da transferência de recursos financeiros, em caráter suplementar, aos entes federados que aderem ao Programa e por meio do pagamento de bolsas-benefício a voluntários que atuam como professores de alfabetização, coordenadores de turmas e tradutores-intérpretes de libras (língua brasileira de sinais). Para o fortalecimento as ações do Programa Brasil Alfabetizado, os alunos contam com o Programa Nacional do Livro Didático de Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA). Por meio da adesão a este programa, a instituição parceira recebe livros para serem utilizados nas turmas de alfabetização

Como consta do Documento Nacional Preparatório à VI CONFINTEA, produzido em 2008, como resultado da mobilização de centenas de atores que atuam na EJA no Brasil, o Programa Brasil Alfabetizado - PBA é “parte de muitas iniciativas que compõem o espectro de atendimento a jovens e adultos, as quais demandam maior compreensão e a perspectiva de se constituírem como políticas públicas de Estado.(SECADI, 2011).Atualmente, O Programa Brasil Alfabetizado está presente em 1.928 municípios. Desde 2003, o programa já alfabetizou 12 milhões de pessoas.

A Prefeitura de João Pessoa (PMJP), em parceria com o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), desde o ano de 2005 aderiu ao projeto, no exercício de 2013 o projeto contava com cerca de 90 alfabetizadores e 16 coordenadores de turma. Todas as salas estavam localizadas em bairros periféricos da grande João Pessoa, algumas funcionavam em escolas públicas, em espaços cedidos

pela própria comunidade como igrejas e associações e, muitas vezes, na casa da própria alfabetizadora. 65% das alfabetizadoras declaram sua turma como predominantemente constituída por adultos, 15% que são turmas mistas formada por jovens adultos e idosos, 17.5% não responderam a esta questão e 2.5 % afirma que a turma em sua maioria são de jovens. 25% das turmas funcionam no período da tarde, 2.5% no turno da manhã, 12.5 não responderam a questão e a grande maioria representado por 55% funcionam no turno da noite.

Em seu documento de Orientações para o PBA MEC, 2011 consta: “As entidades participantes do Programa Brasil Alfabetizado deverão fazer a formação inicial dos alfabetizadores, coordenadores e tradutores intérpretes de LIBRAS diretamente ou por meio de instituição formadora.”

No ano de 2013 a formação inicial e continuada dos alfabetizadores e coordenadores do projeto foi assumida pelos professores da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I.

A SECADI em seu documento: Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores diz

“A formação deverá ser compreendida e desenvolvida em um processo contínuo, no qual os coordenadores de turmas e os alfabetizadores do PBA participam de uma formação inicial, em período que antecede o início das turmas de alfabetização, e permanecem em processos de formação continuada durante todo o período em que estiverem envolvidos em práticas educativas no âmbito do programa.”

No município de João Pessoa a formação inicial ocorreu no mês de agosto, e a formação continuada se iniciou no mês de setembro com encontros quinzenais. A nossa participação neste processo foi iniciada no final de outubro/2013, quando já haviam acontecidos dois encontros (quinzenais) da formação continuada, além da semana da Formação Inicial.

Os encontros de formação continuada aconteciam nas dependências do Centro de Educação – CE da UFPB, às sexta – feiras, em 3 turnos, com 4 horas de atividades,

para cada turma. Cada alfabetizador e coordenador tinham a opção de escolher o turno no qual iria participar da formação. A nossa participação se deu na turma do turno da tarde.

Tivemos acesso ao **questionário** aplicado na formação inicial pelos formadores com as suas turmas e através dele foi possível fazer um **perfil dos alfabetizadores**, nesta etapa do Programa (2013)

Como podemos observar nos gráficos abaixo em sua grande maioria os alfabetizadores são mulheres e com idade acima de 45 anos. Do total de respondentes 32.5% possuem o Ensino Médio e 32.5% estão cursando o Ensino Superior e 35 % já concluíram.

Gráfico 1 - Perfil do Alfabetizadores do PBA/2013, em relação à faixa etária

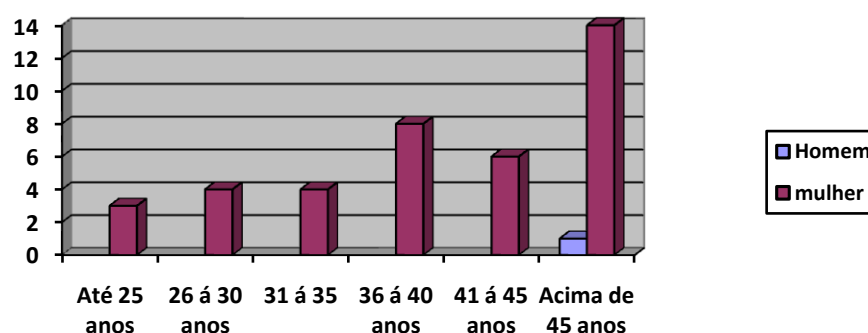
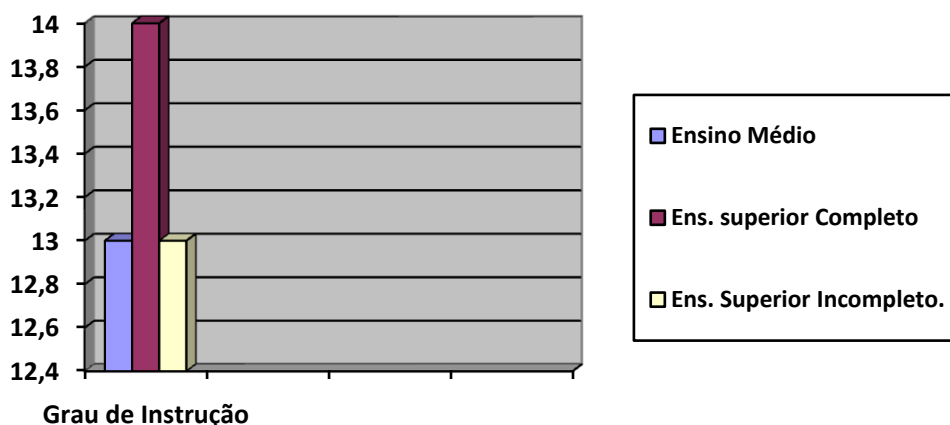
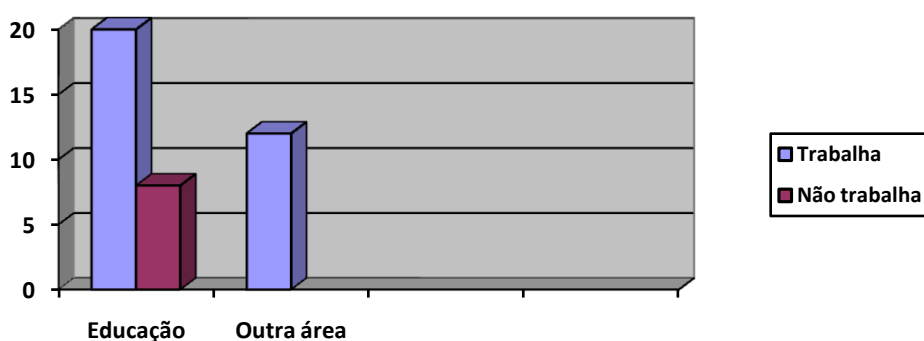


Gráfico 2 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013, em relação ao Grau de Instrução.



Além da atividade como Alfabetizadores do PBA, 80% informa que exercem outras atividades além desta. Destes, 62.5% trabalham na área da educação, seja em sala de aula ou atuando com reforço escolar em suas residências e 37.5% atuam em outras áreas, predominando o comércio. Todos afirmaram que gostam do que fazem.

Gráfico 3 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013 em relação à outras ocupações profissionais

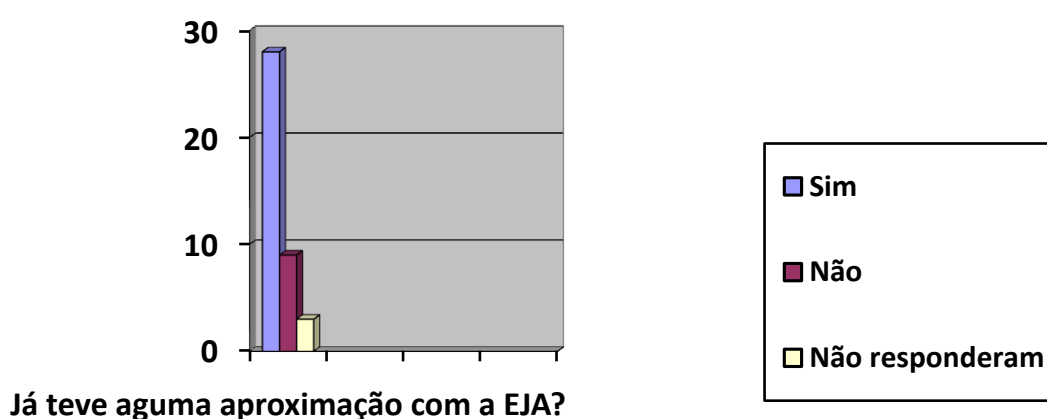


Quando perguntados se já possuíam alguma aproximação com a EJA, antes desta experiência, 67.5% dos alfabetizadores responderam que sim; 22.5% afirmam que não e 4 pessoas que representam 10 % deste grupo, não responderam a questão. Apesar de essa grande maioria afirmar que já possui alguma aproximação com a EJA, muitos não souberam responder o que é a EJA, 10 % afirmaram que não sabem o que é ou que sabem muito pouco, 40% em suas respostas consideram a EJA um programa ou um

projeto, acredito que esses confundem o PBA com a própria EJA, e outros 50% deram respostas como : “ È um ensino para Jovens e adultos” ; “ O EJA trabalha a educação de pessoas e ajuda em um todo contribuir mudança de vida”.

É importante destacar que a aproximação com a EJA mencionada por 67.5 % dos alfabetizadores referia-se à Formação Inicial e Continuada deste mesmo Programa (PBA). Para nós este é um indício da importância que se reveste esta formação e do desafio que representa para a equipe de formadores quanto à repercussão desta prática formadora na prática alfabetizadora.

Gráfico 4 - Perfil dos Alfabetizadores do PBA/2013 em relação a aproximação com a EJA



Os motivos que os levaram a ingressar no Programa Brasil Alfabetizado são variados. Aqui destacamos os que expressaram como a "experiência para ajudar o próximo" e a "vontade de mudar a realidade" das comunidades onde vivem. Estas respostas podem ser interpretadas a partir do pensamento de Paulo Freire, 2011 onde o mesmo afirma que o educador antes de ensinar compreenda que "a educação é uma forma de intervenção no mundo"

Ao longo deste texto, apresentamos um desenho da proposta de formação, para o trabalho das alfabetizadoras em suas salas de aula. Reconhecidamente fundamentada nas idéias freireanas, segue parte do documento elaborado pela equipe de formadores da UFPB como referência ou subsídio para as atividades de leitura e escrita propriamente dita.

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Metodologia da Educação

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
FORMAÇÃO CONTINUADA

SÍNTESE DO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO
de Paulo Freire :Em busca de uma recriação (*)

O **método** pode ser entendido como o caminho a seguir. O método pode indicar cada etapa a cumprir e sugerir regras a serem feitas. Mas não indica ou não impõe uma forma única sobre como fazer. De uma situação para outra, de um tempo para outro, sempre é possível criar sobre o método, inovar instrumentos e procedimentos de trabalho.

Portanto, tudo no método implica criação, ajustamento do próprio instrumental de trabalho às condições e peculiaridades de cada lugar e de cada grupo de alfabetizando.

4.1 Etapas Pedagógicas

4.1.1 Universo Vocabular

A **primeira etapa** pedagógica de construção do método foi chamada por Paulo Freire de vários nomes semelhantes:

“levantamento do universo vocabular”

“descoberta do universo vocabular” ,

“pesquisa do universo vocabular”

“investigação do universo temático”

significando, sempre, a mesma idéia: a idéia de que há um *universo de*

fala da cultura da gente do lugar, que deve ser:

investigado, pesquisado, levantado, descoberto

Como isto acontece?

Através do contacto inicial e direto que estabelecemos com a comunidade.

Na verdade, trata-se de uma pesquisa simples que tem como objetivo imediato a obtenção dos vocábulos mais usados pela população a se alfabetizar

São falas que, a seu modo, desvelam o mundo e contêm, para a pesquisa, os *temas geradores* falados através das **palavras geradoras**

4.1.2 Palavra Geradora

Esta foi a expressão utilizada por Paulo Freire, desde as suas primeiras experiências alfabetizando adultos na zona rural, na cidade de Angicos/RN, há 50 anos atrás, para determinar o início, o miolo da prática alfabetizadora. Estas palavras são descobertas ou identificadas a partir de uma pesquisa sobre o universo vocabular dos alfabetizandos em suas comunidades e locais de trabalho. Quais palavras estão presentes nas falas das pessoas? Quais palavras expressam melhor sua luta do dia-a-dia, ou suas conquistas, ou seus interesses e sonhos? (Esta é uma atividade que exige do alfabetizador a sensibilidade e a escuta constante, para identificar tais palavras)

“Enfim, as palavras são chamadas *geradoras* porque são facilitadoras de conversas, de diálogos, de reflexões e, também, do processo de leitura e escrita.

Existem outras formas de identificar palavras geradoras. Nos próprios nomes e sobrenomes dos alunos (alfabetizandos) é possível encontrar palavras que facilitam este processo. Além disso, há uma infinidade de situações, imagens, eventos, que podem ser tomadas como geradoras.

4.1.3 Provocando a Conversa, o Debate, a Reflexão (a problematização da palavra)

Pelo menos dois critérios devem ser considerado na escolha das palavras geradoras:

a) a sua *riqueza fonética* (iniciando por aquelas formadas por fonemas de menor dificuldade)

b) o *significado social* para o grupo de alfabetizandos.

Aqui, as palavras não são só um instrumento de leitura da língua; são também instrumentos de releitura coletiva da realidade social onde a língua existe.

4.2 A Palavra que Gera Ideias

Neste momento da problematização é importante assegurar o diálogo e a participação.

Não basta que o grupo participe como uma espécie de *coro* que segue e repete o alfabetizador.

É preciso que haja sempre o que Paulo Freire chamou um dia de “participação criadora”. Assim, o alfabetizador não deve fazer, *por* sua conta e *para* os educandos, a *decodificação* da palavra ou da gravura escolhida. É neste momento que o grupo expõe e cria suas idéias.

O alfabetizador deve sempre evitar *fazer para* ou *por*. Deve criar as situações em que, com a sua ajuda, o grupo faça o trabalho de pensar, de refletir coletivamente.

Por isso ele não guia, mas favorece, orienta.

Ao refletir com o grupo, não deve conduzir como se tudo fosse um jogo de adivinhação: “o que é que vemos aí? E agora?”.

O grupo deve sentir que o esta palavra ou esta figura podem conduzir uma conversa que a todos envolve: o que lembra esta palavra? Por que? o que a gravura sugere? Por que é assim e não de outra maneira? Como poderia ser? Como deveria ser? (são exemplos de perguntas que podem instigar o debate e a reflexão)

4.3 Desvendando o “Mistério de Ler e Escrever” A palavra que alfabetiza

Na alfabetização, as palavras geradoras passarão pelos processos de:

> **decodificação** (quando ela é decodificada, "decifrada" lida) é a LEITURA

> **codificação** (quando ela recebe códigos, é transformada em símbolos) é a ESCRITA.

Lembrando que a **leitura** e a **escrita** são momentos da alfabetização que não podem ser trabalhados de forma separada.

As palavras geradoras servem para introduzir as letras (fonemas) do nosso alfabeto, cuja combinação e recombinação com outros fonemas (vogais e consoantes) nos permitem ler e escrever.

UM EXEMPLO a partir da palavra LAMA

- Conversar sobre o porque da escolha da palavra LAMA- a lama vem da rua sem saneamento básico, vem da sujeira, do barro, também se usa a palavra para indicar que alguém está passando por dificuldades (Fulano está na lama).
- Entregar um papel a cada um para que expressem (em forma de desenhos ou colagens)como é a rua que moram durante o inverno, se existe lama neste período, como convivem, que dificuldades tem com a presença dela, como fazem para resolver o problema, quem tem a responsabilidade com este problema e

de forma a comunidade pode resolvê-lo- o/a professor/a pode ajudar, caso tenha alunos que não consigam: conversando sobre o que desejam expressar e como podem fazê-lo;

- Em seguida perguntar, a partir dos desenhos dos/as alunos/as: as ruas das casas têm números, qual o número da sua casa? Cada um pode dizer oralmente, escrever no papel, no caderno ou no quadro.

- Apresentar no quadro os algarismos de 0 á 9, buscando diagnosticar se todos reconhecem os algarismos;

- Em seguida, destacar na palavra LAMA- as sílabas (os fonemas) na medida e que as pronuncia. Repete várias vezes. Em seguida. Mostra como cada fonema pode se desdobrar, formando as “famílias”.

LA LE LI LO LU
MA ME MI MO MU

- A mão acompanha agora os pedaços, saltando de um para o outro. Se no meio do exercício - que devem ser deixados tão livres quanto possível — surge a visão espontânea e a idéia das vogais, o animador pode chamar a atenção sobre elas. Elas são “a parte que muda em cada família”: *La ma(La Le li lo lu e ma me mi mo um)*. Pode até escrever no quadro ou apresentar um cartaz com elas e repeti-las com os alfabetizando.

- Preparar fichas com cada família em tamanhos maiores para o professor e em tamanhos menores para os alunos (cada aluno deve receber fichas com as sílabas das famílias que estão sendo estudadas).

- Agora, chega o momento mais criativo do trabalho. Ele coloca todas as fichas diante de todos e forma uma ou duas palavras usando sílabas (ou pedaços) das famílias que aprenderam

- Convidá-los a virem na frente para tentar formar novas palavras. É possível que alguém aponte pedaços e formem palavras que não existem (“palavras mortas”). Mas, de inicio todas servem, desde que demonstrem que estão entendendo o exercício. Só mais tarde, o alfabetizador poderá mostrar a diferença.

- E assim, muitas possibilidades de formação de novas palavras surgirão. Com a palavra LAMA, por exemplo, LULA, LILI, LOLO, MIMO, MALA, MOLE, MULA e etc.

- Muitos exercícios poderão se feitos a partir deste momento, inclusive, com a escrita destas sílabas e palavras formadas, NÃO ESQUECENDO DE

ENCAMINHAR O EXERCÍCIO DE ESCRITA DE CADA SÍLABA OU PALAVRA. O ditado de sílabas é sempre uma boa sugestão.

- O trabalho de escrever, para muitos ainda é muito difícil. Quando identificar algum aluno com esta dificuldade, encaminhar exercícios de coordenação motora.
- Um outro exercício que poderá ser feito (oralmente) é pedir que lembrem, identifiquem outras palavras que começam ou terminam como a palavra LAMA- fazer uma lista no quadro com as palavras ditas, destacando as sílabas das duas famílias da palavra. Por exemplo: Lábio- Luva-Loteria-Livro-Levar-aMA-reMO-vioLA-caMA-baLA-boLO.
- Somente quando esgotado o trabalho sobre uma palavra geradora é que o alfabetizador pode introduzir uma segunda palavra geradora. E vai procedendo da mesma maneira. Repetindo todos os passos que foram dados na primeira palavra geradora. E certamente, contando com a participação mais intensa e mais sábia do alfabetizandos.

4.4 Como Planejar e Organizar o Trabalho de Alfabetização?

- Em primeiro lugar, escolher palavras simples, com os fonemas em ordem direta (consoante + vogal), que não apresentam dificuldades maiores de construção, de identificação, de escrita e que sejam ricas para a formação de outras palavras.
- Uma forma de acertar nessas escolhas é em relação ao som. (fonema). Existem letras cujo som se modifica dependendo do lugar que ocupa na palavra dependendo da vogal com a qual se junta.
- Não há necessidade, ou melhor, recomenda-se a não falar neste momento, em vogais e consoantes. Isto complica para os nossos alfabetizandos. Os nomes de cada letra serão apresentados posteriormente, quando a maioria delas já aparece nas palavras geradoras.
- Cada *família* estudada deve ficar sempre exposta na sala, para serem consultadas a qualquer hora, pelos alunos.
- O nome completo de cada aluno deve estar sempre disponível para ser copiado, seja em crachá ou papeleta sobre a carteira.

- Tenha sempre anotado quais famílias estão sendo trabalhadas e quais ainda faltam lembrando que as letras que apresentam maior complicação na leitura e escrita devem ser evitadas nesta fase inicial da alfabetização.
- Sempre que for necessário, identifique o Manual do aluno, alguma atividade que pode ser utilizada, de acordo com o momento de cada uma (família trabalhada, adequação a turma).
- Planeje suas aulas para cada dia e procure incluir a matemática ou assuntos de outras áreas do conhecimento(geografia, história, ciências, etc) sempre que surgir uma situação que permita esta articulação. Tudo deve ser planejado.
- Estude, leia, pesquise. Nunca deixe de fazer isto.¹

A partir do perfil anteriormente esboçado do grupo de alfabetizadores e diante da proposta de formação pensada, organizada e executada, pode-se dizer dos entraves e avanços no interior desse processo: foram entraves, Os atrasos das alfabetizadoras para chegarem na formação, A presença de pessoas de outros turnos nas aulas, pois cada formador tinha seu ritmo de trabalho, A dificuldade das alfabetizadoras de diferenciar palavra geradora de palavra trabalhada, Perceber que as alfabetizadoras não exploravam corretamente a palavra ou tema gerador com seus alunos, prejudicando assim a execução das atividades, O grande número que alfabetizadoras que formulavam atividades infantilizadas para as suas turmas, mostrando que as mesma ainda não reconheciam seus alunos como jovens, adultos e/ou idosos trabalhador.

Os avanços por sua vez foram: Perceber em algumas alfabetizadoras a vontade de aprender sobre a EJA e de aprender a como estimular seus alunos ao aprendizado, e os depoimentos as alfabetizadoras na ocasião da confraternização das festas de fim ano, a troca de conhecimentos que cada fala das alfabetizadoras proporcionou foi maravilhoso, em seus depoimentos foi possível perceber se as aulas de formação estavam gerando resultados nas salas de aula.

¹ Síntese elaborada pela equipe de formadores da UFPB, ano 2013. Referência. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O QUE É O METODO PAULO FREIRE**. Editora Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos, nº 38.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de algumas inquietações que nos acompanham há algum tempo, principalmente depois de cursar a disciplina Educação de Jovens e Adultos no 8º período da graduação do presente curso e ter realizado o estágio IV nesta modalidade de ensino.

É extremamente importante que o trabalho docente venha a constituir o exercício profissional do educador, representando o seu primeiro compromisso com a sociedade.

Um dos objetivos maiores por parte dos educadores é a preparação de alunos para que venham, se tornar cidadãos operantes e participantes, isto no trabalho, na família na sociedade em geral.

Normalmente atribui-se as dificuldades encontradas em uma escola, a desigualdades sociais e da exclusão. O fracasso alcança todos os setores e categorias da sociedade. Todavia os jovens procedentes de meios desfavorecidos sofrem mais com tais dificuldades.

As repetências são inúmeras. O abandono no percorrer da vida acadêmica, as próprias instituições escolares sem nenhum atrativo, levam o aluno a deixar a escola sem nenhuma expectativa de retorno.

O insucesso na escola cria uma deformidade muito grande no setor social do indivíduo, muitas vezes gerando situações de exclusão, marcando o jovem por toda uma vida.

Os altos índices de jovens e adultos não alfabetizados em nosso país indicam uma verdadeira necessidade de um maior estudo, isto porque, mesmo com inúmeros programas de alfabetização e estudos, o paradigma de abandono na EJA é muito grande.

Em tempos passados, a não permanência na escola era compreendida por conta da falta dos pré-requisitos por parte do indivíduo para que pudesse frequentar a escola. E nos dias atuais por que isto ainda ocorre? Será que os educadores que estão nas salas escolas e no próprio PBA estão preparados para receber esses alunos ávidos por aprender?

Desde o início nos incomodou o fato de que para ser um educador do PBA a exigência mínima é ter concluído o ensino médio. Será a formação Inicial com carga

horária de 40 horas a formação continuada do programa capaz de realmente formar uma pessoa capaz para alfabetizar os jovens e os adultos de nossa sociedade.

Percebo que não é pouca a responsabilidade dos formadores em questão, pelas nossas observações não é tarefa fácil fazer as pessoas entender que entender que os jovens e adultos possuem uma realidade cultural bastante diferenciada das crianças. Portanto, existe uma necessidade de adequação nas metodologias usadas para o ensino de jovens e adultos.

No PBA a alfabetização passa a ser pensada como a porta de entrada para a EJA, quando na verdade a alfabetização tem que ser entendida como a primeira etapa desta modalidade de ensino incluindo os professores existentes nas escolas públicas de nosso país.

Será que um programa que coloca alfabetizadores desvinculados do fazer docente para assumirem turmas de alfabetização que demandam um trabalho extremamente complexo foi capaz de alfabetizar 12 milhões de pessoas em 10 anos como assim vem divulgando?

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. . **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio. (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 17-32.

BRASIL. **Cadernos EJA 1: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Alunas e alunos de EJA**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Cadernos EJA 2: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – A sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Cadernos EJA 3: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Observação e registro**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Cadernos EJA 4: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Avaliação e planejamento**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Cadernos EJA 5: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – O processo de aprendizagem dos alunos e professores**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 14ª Ed Rio de Janeiro, Paz e terra, 1983.

DI PIERRO, Maria Clara; GRACIANO, Mariângela. **Educação de jovens e adultos no Brasil Informe apresentado à Oficina Regional da UNESCO para América Latina y Caribe**. São Paulo, Brasil - Junho de 2003.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: Um cenário possível para o Brasil**,2003 disponível em: www.paulofreire.org. Acesso em 18 dez. 2013.

_____; ROMÃO, José E.(Orgs). **GUIA DA ESCOLA CIDADÃ**, Instituto Paulo Freire. **Educação de Jovens e Adultos. Teoria, prática e proposta**. 11ª ed. Rio de Janeiro,2010.

MEC, **Orientações sobre o programa Brasil Alfabetizado**. BRASIL, Julho de 2011.

SECADI, **Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e Alfabetizadores**. Brasília, Abril de 2011.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2006

UNESCO, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília, UNESCO, 2008. 212 p.

INAF 2011-2012, **Indicador de Alfabetismo Funcional**. Instituto Paulo Montenegro, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.ipm.org.br> acesso em 15 jan de 2013.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO – 2013
FORMAÇÃO INICIAL DOS ALFABETIZADORES – 12 Á 16 DE AGOSTO DE
2013**

DIAGNÓSTICO INICIAL

Data / /

A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1) NOME DO/A ALFABETIZADOR _____

2) Sexo: () Masculino () Feminino

3) Idade _____

4) Cidade e bairro onde reside _____

5) Nível de escolaridade

() Nível Médio

() Curso superior (indicar o curso, Instituição e o ano de conclusão)

B) Sobre o trabalho, lazer e atividades culturais

1) Você trabalha? () sim () não

Em caso negativo, por que ? _____

Em caso positivo:

a) Qual é o seu trabalho? _____

b) Você gosta do que faz? _____

c) Qual é o seu horário de trabalho? _____

d) O que você precisa saber para fazer o seu trabalho? _____

2) Como você ocupa seu tempo de lazer? _____

3) Você desenvolve alguma atividade artística, cultural ou comunitária?

() não

() sim. Qual? _____

4) Você gosta de música?

() não

() sim. O que você costuma ouvir? _____

5) Você gosta de ler?

() não

() sim. O que você costuma ler? _____

6) Você gosta de poesia?

() não

() sim. Indique um poeta que admira _____

7) Você gosta de escrever?

() não

() sim. O que costuma escrever? _____

8) Você gosta de cinema?

() não

() sim. Um filme que você recomenda _____

9) Você gosta de TV?

() não

() sim. O que costuma assistir? _____

10) Você tem acesso à internet?

() não

() sim. O que costuma acessar? _____

C) Sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA)

1) O que você já sabe sobre a EJA?

2)Você já teve ou tem algum aproximação com a EJA?(Seja através de leituras, participações em eventos ou experiências)

() não

() sim. Informe, se possível.

D) Sobre o Programa Brasil Alfabetizado.

1) O que lhe motivou a se inscrever como alfabetizadora deste Programa?

2)Você já participou do Programa em anos anteriores?

() sim

() não

3)Qual é o grupo ou comunidade onde você atuar como alfabetizadora?_____

4)Quantas pessoas estão inscritas para serem alfabetizadas?_____

5) O grupo é composto mais por jovens ou adultos?_____

6) Em que horário vai funcionar sua turma?_____

E) Qual é o seu SONHO para o futuro?

Informa se possível, o seu e-mail e telefone para contato:

E-mail_____ Tel: _____